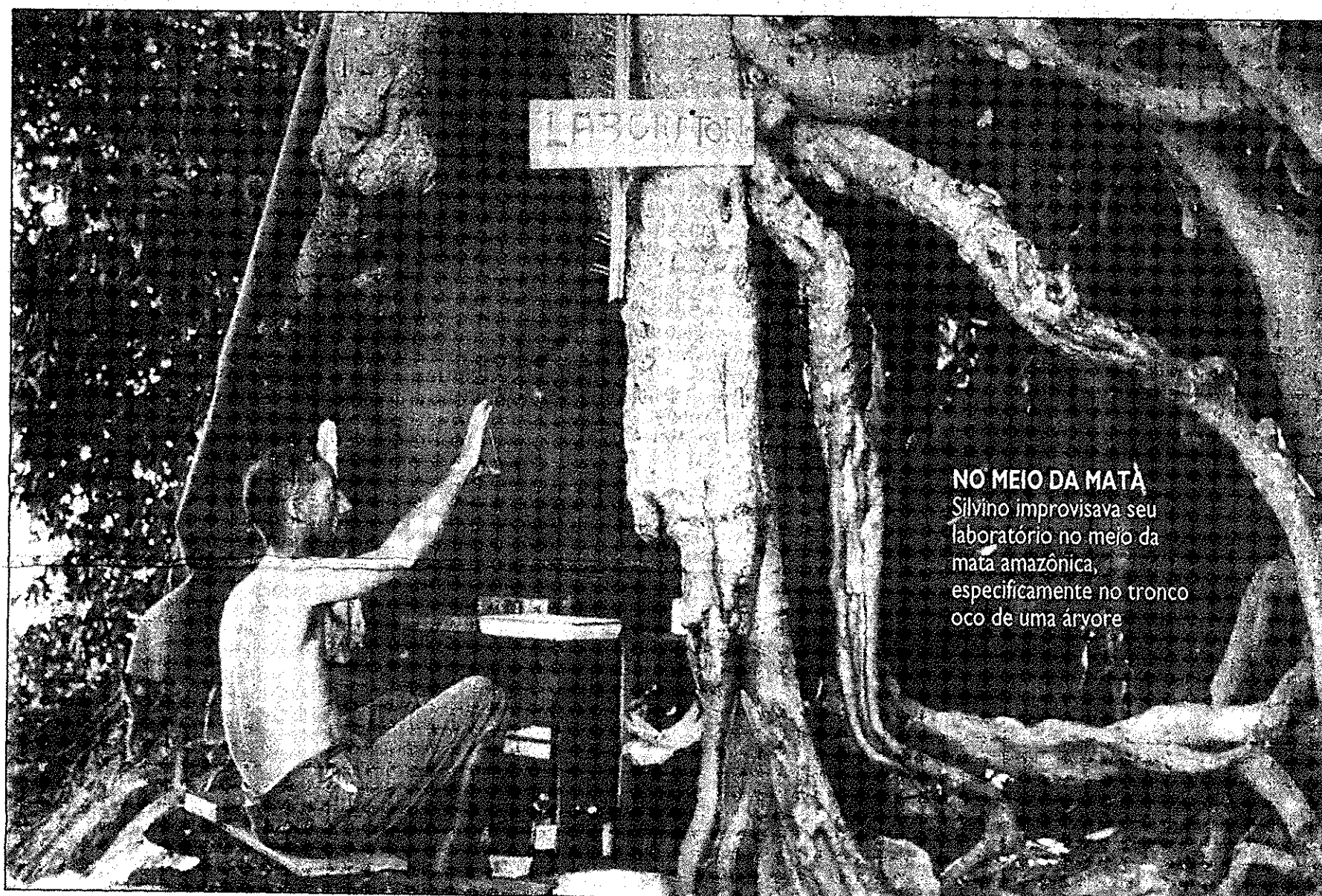


CINEMA

A poesia de Silvino Santos



NO MEIO DA MATÁ
Silvino improvisava seu laboratório no meio da mata amazônica, especificamente no tronco oco de uma árvore



SERINGUEIRO
O trabalho dos seringueiros foi retratado pelas lentes do cineasta



PIONEIRISMO
Silvino Santos foi o responsável pelas primeiras imagens aéreas da região



O português Silvino Santos

Silvino Santos foi filho de família de posses. Nasceu na aldeia de Sernache Monjardim, na Serra da Estrela, em Portugal. O seu pai Antônio Simões dos Santos Silva era professor primário, músico e abastado agricultor. Carlos Santos, um dos irmãos de Silvino, era também músico.

O cineasta, quando pequeno, era pouco dado aos afazeres de sua família, que era dona de uma certa quantidade de terras e cuidava desta agricultura. Silvino também rejeitou o ingresso num seminário, como o queria seus familiares. Depois, trabalhou por pouco tempo com um tio comerciante de sedas, na cidade do Porto, e aí decide que quer conhecer o Amazonas. Sai de Portugal em 1989, quando aqui chega.

Sempre teve espírito aventureiro. Seu interesse pelo região e pelo rio Amazonas deve-se às leituras que fizera dos textos do livro "Selecta Portuguesa" e de pessoas que aqui estiveram e descreveram Manaus como "uma orquídea belíssima que desabrochava no meio da floresta", como afirma a antropóloga Selda Vale, no livro "Eldorado das ilusões". O português Silvino entrou na Amazônia pela Baía de Guajará, em Belém, e logo teria ficado impressionado com a beleza da região que mais filmaria em sua vida.

CARLOS BRANCO

Já houve quem dissesse que o poeta é uma espécie de engenheiro, mas do tipo que constrói catedrais onde o olhar comum vê apenas capelas. Em termos práticos, a metáfora remete a uma outra metáfora e leva ao entendimento de que a catedral é não só o poema e sua estrutura, mas toda a poesia nele contida.

Detalhe: na edificação de sua catedral, o poeta se utiliza de andaimes geralmente imperceptíveis a olho nu. Porém, devidamente sustentados pelos pregos e parafusos do sentimento e da emoção, estes sim, responsáveis pela evocação de um certo estado de espírito nas pessoas que se aventuram a entrar nas catedrais-poemas construídas pelos engenheiros-poetas.

E como a poesia deve ser entendida como uma qualidade (ou substância espiritual, se quiser) das coisas poéticas, conforme advertiu certa vez Antônio Paulo Graça, engana-se quem acha que ela emana apenas dos poemas propriamente ditos, por meio das estruturas frasais dispostas em rimas ou não. Pode afluir também da linguagem cinematográfica, por exemplo, pela simples justaposição de imagens.

Foi isso que observou Romyne Novoa Silva ao elaborar a monografia intitulada "O cinema na Amazônia: a poesia de Silvino Santos", apresentada em dezembro do ano passado ao Centro Universitário Nilton Lins para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Romyne buscou a poesia do cinema de Silvino Santos analisando várias imagens que o pioneiro do cinema brasileiro deixou como material para a reconstrução e melhor entendimento da história da Região Amazônica. "O cinema na Amazônia foi então a grande poesia de Silvino Santos que, desde pequeno, apaixonou-se pelo 'Amazonas, o maior rio do mundo' e deste fez seu trabalho e motivo de vida", explicou Romyne.

Silvino Santos foi um português da aldeia de Sernache do Bonjardim, que veio para o Amazonas em 1889, ano em que a República era fundada no Brasil, e aqui tornou-se o pioneiro do cinema nacional. "Muito mais do que um fotógrafo/cineasta, ele era um artista por natureza, sensível, pois, à beleza da Amazônia", disse Romyne.

CENAS POÉTICAS

Ao mostrar a realidade Amazônica numa linguagem que combinava ritmo, harmonia e sentimento que exprimia o seu eu poético, Silvino Santos fez mais do que enquadrar cenas do universo da região. "Mesmo tendo que traduzir uma realidade imposta por seus patrocinadores, ele produziu imagens poéticas com simples elementos da natureza, prenhes de significado, como a matança do peixe-boi e a pesca do pirarucu", comentou Romyne.

Sobre a cena do peixe-boi morto, Romyne diz que choca porque a imagem assemelha-se a de um homem morto, de braços cruzados. Mais ainda porque o ângulo de filmagem de Silvino mostra vários desses peixes mortos, entre os quais muitos pirarucus aparecem se debatendo, levantando a cauda, sinalizando que também morrerão. "A cena é poética porque está carregada de emoção e drama, qualidade que não pode estar desvinculada da poesia", explica Romyne, acrescentando que é a "fartura vestida de morte que Silvino quis mostrar".

Ela também vê poesia numa cena filmada pelo cineasta em que "coronéis da borracha" aparecem andando em cima de uma enorme quantidade de pelotas do produto que se espalham pelo chão. Para ela, a poesia está na forma como a câmera de Silvino Santos acompanha o andar do "coronel" e na quantidade de borracha espalhada no chão, uma vez que o propósito da filmagem bancada pelo grande empresário J.G. Araújo era mostrar que a região ainda era propulsora de riqueza, mesmo porque quando Silvino Santos começou a filmar aqui, o ciclo da borracha já estava em declínio. "A poesia da cena, no entanto, está no andar calmo do coronel, que pisa nas pelotas como se as tivesse contando", diz.

Mas a poesia captada pelas lentes de Silvino Santos não fluíram apenas pelas imagens dramáticas que ele filmou. Na cena seguinte a do pôr-do-sol, "No Paiz das Amazonas", envereda-se por um cenário que aparece como dois seios verdes, entre os quais, o rio corre, é pura poesia.

No total, Romyne extraiu poesia de 33 cenas analisadas de filmes produzidos por Silvino Santos, tais como: "Índios haitotos do rio Putumayo", "No paiz das Amazonas", "No rastro do Eldorado", "Amazonas, o maior rio do mundo", "Terra Encantada", que se encontram reproduzidos no longa-metragem do diretor Aurélio Michiles intitulado "O Cineasta da Selva".

O CINEMA DESPUDORADAMENTE INOCENTE DE SILVINO SANTOS CONTÉM UMA FORÇA POÉTICA, QUE A JORNALISTA CAPTOU E RETRATOU



CURIOSIDADE Na expedição Hamilton Rice, um índio observa